

O Fórum Social Mundial e as Surpresas

Foi realizada entre os dias 6 e 11 de fevereiro em Dakar no Senegal com representantes de 123 países e 1205 organizações a edição unificada do Fórum Social Mundial (FSM). Os encontros unificados se realizam a cada 2 anos. Entre um fórum unificado e outro são realizados diversos fóruns locais, regionais, nacionais, continentais e temáticos. Como acontece desde o lançamento do FSM em 2001 em Porto Alegre, a grande mídia internacional e brasileira, salvo poucas e honrosas exceções, não cobriu ou cobriu de forma superficial também esta edição do FSM. Apesar dos fóruns contarem com a participação de milhares de pessoas, lideranças sociais e organizações e promoverem inúmeros eventos entre debates, oficinas, assembléias e encontros de articulação política e planejamento de futuras ações, a cobertura da mídia se concentra geralmente em aspectos frívolos e sensacionalistas. Paralelamente, o Fórum Econômico Mundial de Davos (onde nem a crise financeira foi prevista) tem recebido uma ampla cobertura desta mesma mídia.

Os principais líderes mundiais, a grande mídia e os participantes de Davos (entre os quais Saif al Islam, filho de Gaddafi) confessaram que foram pegos totalmente de surpresa pelos recentes acontecimentos no mundo árabe. Isto apesar dos fantásticos recursos investidos na busca de informações pela mídia, pelos governos e pelas empresas nos mais diversos serviços de ‘inteligência’ e análises! O jornalista Clovis Rossi escreve na sua coluna da Folha de SP em 27 de fevereiro:” Se alguém disser que previu a onda de revoltas que começou em dezembro na Tunísia, ou está mentindo ou fez em voz tão baixa que ninguém ouviu “.

Até hoje, muitos jornalistas e analistas políticos, por falta de interesse ou por preconceito ideológico, não perceberam a novidade política representada pelo FSM e o que o FSM produz de concreto. Não entenderam que o processo engendrado pelo FSM abre espaço para que organizações sociais das mais variadas regiões e áreas (social, ambiental, direitos humanos, democracia etc.) se encontrem, organizem livremente suas atividades, se aglutinem em torno de interesses comuns, apresentem propostas de ações, se articulem em torno delas e formem redes locais, nacionais e globais que fortalecem seu poder político para atingir seus objetivos. O processo FSM potencializa o poder da sociedade civil nas suas ações e mobilizações.

A revolta no mundo árabe, por mais democracia e liberdade, não foi nenhuma surpresa para quem acompanha os diversos encontros da sociedade civil e o processo FSM. Varias organizações destes países têm participado ativamente nos diversos fóruns. Só em 2010 foram realizados, no âmbito do processo FSM, 55 fóruns sociais pelo mundo, dos quais 8 no Egito e nos países do norte da África. Não seria difícil, para qualquer observador despedido de preconceitos ideológicos, com vontade de conhecer novos processos políticos, que se dispõe humildemente a rever conceitos e métodos de trabalho, perceber que é fundamental acompanhar menos superficialmente os processos da sociedade civil (e o FSM é um processo importante entre vários outros) e que as diversas ações e mobilizações que acontecem hoje no mundo, como aquelas no mundo árabe, não acontecem por acaso.

Oded Grajew

